O Tesouro *Agápi*

I. S. Mendes

Em terra de pessoas perversas e desconfiadas, num tempo não muito distante desse em que vivemos, corria a lenda de um tesouro místico, todos o chamavam de *Agápi* e ninguém sabia ao certo sua recompensa, a única coisa que diziam a respeito dele, era: "Aquele que encontrar, terá algo que ninguém mais tem e será o ser mais feliz e bem-sucedido da face da terra", quanto a isso, ninguém se importava com a parte da felicidade, nem se quer sabiam o que significava, o que realmente chamava atenção era a possibilidade de conseguir uma coisa que os outros pudessem invejar e uma riqueza inimaginável.

Então, um explorador de longínquas terras se interessou por esse tesouro, pensava que adquiriria mais um artefato para sua intocável coleção, pois não havia nada que lhe dava mais prazer do que ter coisas que ninguém se quer poderia pensar em possuir e exibi-las a quem passasse, nem sabia por onde começar, mas ouvira boatos de que o dono de uma taberna possuía um mapa.

Logo pela manhã partiu em direção a Taberna dos Perdidos e Achados, sem saber o que o esperava, no entanto, com pensamentos de soberba e fazendo planos para as preciosidades que imaginava encontrar. Ao entrar, deparou-se com o proprietário que servia os pedidos no balcão e logo disse:

– Soube que o você tem o caminho para o lendário tesouro.

– Bem direto ao ponto, rapaz, bem típico dos jovens. Tenho, está bem aqui – Falou calmamente mostrando um pergaminho antigo.

– Assim tão fácil? Isso é algum tipo de truque? – Refutou, sem apegar-se ao comentário do ancião.

– Não há truque algum, é seu, se realmente quiser...

– Não pode ser tão simples, se você tem o caminho, por que tens um lugar sujo e não muitas riquezas?

– Eu cheguei lá, consegui o tesouro, usufruí dele, porém, infelizmente, o perdi...

– Bem que me disseram que não passava de um velho louco e tolo, não há mais nada lá, por isso queria me dar esse mapa imundo.

– Não é isso, pelo contrário, existe muito para ser conquistado lá.

– Então corte a enrolação e me passe já esse pergaminho, pois já tomou muito do meu tempo.

– Vejo que está desacompanhado e não receberá coisa alguma, se assim continuar.

– Nada disso, trabalho sozinho – respondeu rapidamente com indignação.

– Então saia da minha frente, porque quem está a roubar-me o tempo agora, é o senhor. Passar bem.

– Espere... – disse o descobridor avistando uma moça de cabelos cacheados, que amolava sua adaga do outro lado do balcão.

– Seu nome? – Indagou com rispidez em direção a mulher.

– Para você Az, quem é você e o que quer? – disse com voz cautelosa e despreocupada.

– Sou Theron e estou te dando a honra de ir atrás do tesouro lendário comigo.

– Honra? – Repetiu com um riso sarcástico nos lábios – Tenho pena de ti, poderia recusar, afinal você parece... inexperiente, mas preciso mesmo de um ajudante, segundo o desvairado que essa espelunca tem como dono.

– Não vou me prolongar com discussões sobre o que acabei de ouvir, só quero o tesouro e nada mais.

– Velho! Tenho companhia, agora joga para cá o mapa.

Sem demora o senhor arremessou o mapa na direção de Theron, não se atendo ao desrespeito com que o moço o tratara desde que chegou, apenas pensava na certeza de que o tesouro traria mudanças na vida desse insensível rapaz.

No mesmo instante partiram, sem olhar para trás ou agradecer, na verdade, iam vangloriando-se das conquistas que tinham no repertório, na tentativa de impressionar o outro ao sobressair-se e assim foi durante o longo trajeto por desertos, rios, florestas e montanhas, aos quais passaram com muita dificuldade, porque nunca aceitaram ou pediram qualquer ajuda, até finalmente entrarem em uma gruta que escondia os mais tentadores achados, que estavam arranjados com a mesma facilidade com a qual o mapa foi-lhes entregue, mais uma vez desconfiaram e ao levantarem o olhar perceberam que em elevada posição, tinha o que parecia ser o mais precioso tesouro ali, os dois logo se entreolharam e correram em direção ao estimado prêmio, que reluzia na forma de um coração dourado.

Estavam tão cegos pela ganância que nem se atentaram à inscrição contida no pedestal, que dizia: “Aqueles que com mãos impuras aqui tocar, por apenas um coração viverá” e ambos chegaram ao mesmo tempo e num instante, o encanto presente no artefato os fundiu, agora não mais eram dois indivíduos, mas um só, duas cabeças, mas um só corpo, dois braços e duas pernas, no entanto um só coração, juntos lado a lado, as costelas se fundiram e agora os âmagos uniram-se.

Ao notarem isso, a ira deles acendeu-se, se entreolhavam odiosos, lutando para que cada um seguisse seu caminho. Nesse momento, tomado pela raiva, Theron desembainha a espada de Azure na intenção de dividi-los.

– Não! Você está louco? Quer matar-nos?! – Esbravejou Azure.

– Me parece uma ideia melhor que ficar preso a você.

– Não seja estúpido. Pelo visto sua mente é tão vazia quanto seu peito que está oco, pela falta de um coração, se eu morrer, você também morre. – Tais palavras foram como lâmina afiada no interior de ambos, perceberam que a aflição de um, era uma só para o par.

– Tem uma ideia melhor, gênia?

– Na verdade, tenho sim, aquele louco da taberna disse que já conseguira usufruir do tesouro, vamos voltar, ele deve saber como nos separar, sem isso cause nossa morte.

– Certo, voltaremos por outro caminho agora.

– Claro que não, já conhecemos o caminho que viemos.

Parecia não ter solução, cada um puxava para um lado e todas as discussões daí pra frente eram assim, não obstante, a cada dificuldade aprendiam a cooperar, pois agora um sentia o frio do outro, machucavam-se e sofriam juntos. Com isso, o cuidado entre eles aumentou, a ponto de não saberem se a proteção que tinham em relação ao outro, era mero interesse em não sofrer ou se algo diferente existia ali.

Ao começarem a entender-se o trabalho em conjunto fluiu e em menos tempo chegaram à taberna do que comparado a quando partiram cheios de si mesmos, até mesmo o seu falar era diferente:

– Com licença, não me lembro seu nome...

– Como poderiam se nem ao menos perguntaram da última vez que estiveram aqui? Mas não tem problema, meu nome é Didakhe.

– Primeiro queríamos agradecer por todo o aprendizado e em segundo perguntar se você sabe como nos separar. – disse Azure em um tom suave.

– Tenho certeza de que não leram nada do que estava no pedestal, pois em seguida da maldição dizia: "Para que voltem a serem dois, deverão afastar suas almas de toda malícia, para que o coração único bata em sintonia e que assim seja apartada a injustiça e por meio do toque do peito agradecido, dividam-se os tecidos", sendo assim o que falta a vós é um abraço.

– Como abraçar se estamos lado a lado? – indagou Azure confusa.

– Apenas comecem, jovens e verão que *Agápi* nunca erra.

No momento em que o abraço incompleto foi formado, a completude logo veio, um braço após outro surgiu, dois órgãos acelerados pulsavam no peito, mas estavam demasiadamente aconchegados, que nem perceberam quando o encanto foi quebrado, só pensavam que agora se distanciariam, cada um seguiria seu lado, sem ver o outro e ouvir um "bom dia". Então, de súbito, quebrando o silêncio daquele momento, Theron bradou com desespero que Azure não deveria deixar de vê-lo.

– Mas para onde eu iria? Não me recordo de sentir algo assim em toda a minha vida.

– *Agápi* nos mudou, e transformou você, Azure, em minha outra eterna metade. Eu nem ao menos imaginava que era possível querer tanto alguém por perto a ponto de a distância do ar dentro de um abraço parecer quilômetros, para mim sempre foi uma impossibilidade me dedicar a proteger alguém que não fosse eu mesmo. Mais agora do que antes quando nos encontrávamos unidos, sinto que se morresses eu também iria.

– *Agápi* é um conceito que há muito tempo perdeu-se, afinal, as pessoas deixaram de amar, passaram a ser perversas, desconfiadas e maliciosas, não havia espaço para empatia, altruísmo e muito menos amor, isso que você sente agora por Azure é amor e ele nunca erra ao unir duas metades, desde o momento que decidiu procura-lo ele buscava promover seu encontro com Az e o mesmo vale para ela em relação a você, Theron. – Os jovens sorriram e pela primeira vez o motivo era genuíno.

– O seu amor é a raiz de todo o bem em meu coração, Theron.

E assim é até os dias de hoje, para os que correm ávidos pelo amor. De outra sorte, aqueles que o perseguem são tomados por todo o mal que fazem e fundem suas almas aos rancores, já aqueles que o apreciam ansiosos, sempre encontram sua verdadeira metade, pois aquilo que é incondicional, é a principal condição para verdadeiramente vivermos e experimentar essa nova sensação antes desconhecida, nesse caso esquecida, a felicidade.